

**SEGURANÇA NA UNIVERSIDADE:
OPINIÃO DA COMUNIDADE ACADÊMICA**
SECURITY AT THE UNIVERSITY: ACADEMIC COMMUNITY OPINION

*Maria Amélia Miranda Pirolo**
*Marcielly Cristina Moresco***

A investigação aqui apresentada tem como objetivo analisar a opinião da comunidade universitária e da Polícia Militar (PM) a respeito da segurança no Câmpus da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O método utilizado teve como base os pressupostos das abordagens quantitativa e qualitativa.

Este trabalho, além de levantar as informações e elaborar um diagnóstico da opinião pública, também sugere eventuais propostas que os participantes (comunidade e PM) apresentam para a solução da insegurança. A partir da utilização das abordagens quantitativa e qualitativa, busca-se o aprofundamento do assunto em questão de modo a conhecer a opinião das lideranças e comunidade e, assim, sugerir estratégias em conformação com os objetivos da pesquisa.

As inquietações que movem essa pesquisa de opinião pública, intitulada "A Comunidade Universitária e a Segurança Pública: Uma Abordagem na Universidade Estadual de Londrina"¹, são provenientes de reflexões e constatações da insegurança no Câmpus e em outras instituições de ensino do Brasil. A partir dos dados estatísticos e depoimentos coletados entre discentes, professores, agentes universitários e Polícia Militar, a pesquisa possibilitou uma experimentação que permitiu apurar os resultados antes de colocar em prática qualquer intenção.

As Universidades são ambientes de troca de conhecimentos, no qual as pessoas deveriam se sentir seguras. Entretanto, acontecimentos como furtos, assaltos, homicídios, estupros e tráfico de drogas que ocorrem nas universidades públicas e particulares de todo o país, promoveram a retomada da discussão sobre a segurança no interior das instituições, também ocorrida no passado.

A segurança nas Universidades é um tema capaz de provocar e interferir no sentimento social coletivo. Está intrinsecamente ligada às polêmicas políticas do regime militar e a fatos históricos como confrontos entre professores, alunos e PM.

Essa impossibilidade de desvincular o tema do passado se deve, principalmente, ao contexto histórico marcado pela violência, tortura e medidas de dimensão repressiva como o combate às ideias esquerdistas, controle dos movimentos estudantis, censura à pesquisa e à produção científica, criação de agências de fiscalização da comunidade universitária e determinação de disciplinas destinadas ao ensino da moral e civismo (MOTTA, 2008).

Esse eixo conservador do Governo militar gerou mitos, mistificações e medo, causando resistência de alguns indivíduos em aceitarem pacificamente a presença de policiais no interior das Universidades ou de acolherem medidas mais enérgicas de segurança.

Apesar da existência de barreiras históricas, observa-se que muitas Universidades e Faculdades aceitam a patrulha da PM. Além disso, algumas reforçam a segurança do Câmpus com contratação de seguranças particulares, controle de entrada e saída de pessoas, câmeras e outras estratégias para diminuir violências e furtos, aumentando o sentimento de segurança da comunidade acadêmica.

A sensação de segurança e proteção nas Universidades é difícil de ser mensurada, porém constitui elemento básico para o ensino de qualidade e para que a troca de conhecimento ocorra sem resquícios de violência ou crimes.

Câmeras de vigilância nos estacionamento e nos pontos mais frequentados por alunos, sensores antifurtos nas saídas das bibliotecas, agentes de segurança motorizados e guaritas são alguns dos esquemas de segurança que a Universidade Estadual de Londrina adota atualmente. Essas e outras medidas têm o propósito de diminuir os índices de furtos, roubos, vandalismo, comércio de entorpecentes, entre outros, garantindo maior segurança no Câmpus.

Contudo, constatou-se a necessidade de avaliar a segurança no Câmpus da UEL, por parte da opinião do público de maior interesse: alunos, professores e agentes universitários, visto que ainda há ocorrências criminosas. Esse tipo de pesquisa delinea o entendimento dos indivíduos a cerca do fato e possibilita compreender melhor os motivos desses acontecimentos.

Na Idade Média, a opinião das massas já apresentava grande importância para os filósofos, surgindo a famosa expressão "*voz populi, vox Dei*" que, no século XVIII, passaria a ser conhecida como opinião pública.

A opinião pública é formada socialmente a partir das vivências e convivências do indivíduo e é composta por diversas opiniões do público em um contínuo processo de formação em direção a um consenso (FREITAS, 1984). Para Augras (1970, p. 11) consiste em "[...] um fenômeno social. Existe apenas em relação a um grupo, é um dos modos de expressão desse grupo e difunde-se utilizando as redes de comunicação do grupo".

A pesquisa de opinião pública possibilita a execução de mudanças de acordo com a apreciação das partes envolvidas e "cabe ao pesquisador a tarefa de indagar a realidade e contextualizá-la em conjunto com os seus sujeitos" (PIROLO et al., 2004, p. 2).

É importante salientar que a opinião pública não é sinônimo de concordância entre todos os sujeitos, mas deve haver entre estes, o poder de crítica, de agir racionalmente e de fazer concessões frente às

opiniões alheias.

Aspectos metodológicos

A pesquisa combinou métodos quantitativos e qualitativos, contando com avaliação histórica e contextualização contemporânea dos fatores que envolvem a discussão sobre o tema, fazendo uso assim, da metodologia dialética.

A análise dialética é caracterizada pelo diálogo, pela busca de contradições e argumentações, capaz de “captar detalhadamente a matéria, analisar as formas de evolução e rastrear sua conexão íntima [...]” (MARX, 1983, p. 20), sendo essencial para o desenvolvimento da pesquisa e o levantamento das opiniões.

Com a prática do levantamento e análise de dados estatísticos das opiniões da comunidade acadêmica, foi proposto o uso de questionários distribuídos a uma amostra probabilística estratificada, usada quando a população divide-se em subpopulações (estratos), previamente definida, observando até 5% de erro amostral para mais ou para menos. Essa divisão consiste em especificar quantos itens da amostra serão retirados de cada estrato, sendo que a seleção em cada estrato é aleatória.

Os estratos da Universidade considerados para a pesquisa foram discentes, docentes e agentes universitários e os questionários foram aplicados para 83,9% dos alunos, 8,5% dos agentes universitários e 7,6% dos professores, resultando em 393 respondentes, divididos em nove centros de estudo que a UEL possui: Centro de Ciências Humanas (CCH), Centro de Ciências Biológicas (CCB), Centro de Ciências Exatas (CCE), Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), Centro de Ciências Agrárias (CCA), Centro de Tecnologia e Urbanismo (CTU) e Centro de Educação Física e Esporte (CEFE). O questionário foi aplicado individualmente, nas dependências do Câmpus e durante o horário de aula, nos períodos matutino, vespertino e noturno e atingiu 100% da amostra.

Essa técnica pode ser considerada vantajosa para essa investigação, pois possibilita atingir um grande número de pessoas e garante o anonimato dos pesquisados, bem como diminui a exposição dos mesmos às influências pessoais e de opiniões de terceiros (GIL, 1999).

O estudo do material estatístico coletado deu origem ao desenvolvimento de um roteiro de questões-guia, possibilitando a realização de uma pesquisa qualitativa, de forma a buscar apreciações mais profundas a respeito do tema. Esse método procura interpretar e compreender o fenômeno a partir da perspectiva do pesquisado.

Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada,

procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (GODOY, 1995, p. 58).

A interação entre o pesquisador e o pesquisado é primordial na construção de uma teoria fundamentada, revelando uma maior riqueza de dados. Utilizou-se, portanto, a técnica de entrevista semiestruturada, que possibilita “estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais” (GOLDENBERG, 1999, p. 63). O roteiro com questões-guia oferece um controle ao assunto em foco, ocasionando a interação direta e flexível, explorando em profundidade cada resposta, permitindo surgir novas questões durante a entrevista.

Para os estudos qualitativos não existem amostras numéricas, pois busca-se, fundamentalmente, a qualidade nos dados descritivos e no contato interativo do pesquisador com o participante. Portanto, as entrevistas foram realizadas até alcançar a saturação dos dados, ou seja, até o momento em que os dados coletados demonstram redundância ou repetição.

Nesse caso, se torna irrelevante continuar as entrevistas, estabelecendo-se o fechamento da amostra qualitativa. “A seleção intencional estabelecida por saturação é considerada representativa quando a entrevista [...] não acrescenta nada ao que já se conhece sobre o fenômeno [...], suas propriedades e suas relações com outras categorias” (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 22).

Com as questões-guia referentes às medidas de segurança no Câmpus e outras medidas que podem ser eficientes, as entrevistas foram realizadas a partir da seleção intencional ou por julgamento, na qual a escolha dos participantes possuem características relevantes para o tema em estudo (THIRY-CHERQUES, 2009), sendo o universo pesquisado totalmente conhecido.

Portanto, participaram das entrevistas os representantes de cada estrato da pesquisa quantitativa, isto é, o presidente e tesoureiro da Associação dos Docentes da UEL (ADUEL) e Sindicato dos Professores do Ensino Superior Público Estadual de Londrina e Região (SINDIPROL), presidente e tesoureiro da Associação dos Servidores da UEL (ASSUEL), chefe da Diretoria de Serviços da Prefeitura do Câmpus Universitário (PCU), prefeito do Câmpus da UEL, presidente e tesoureiro do Diretório Central dos Estudantes da UEL (DCE) e o representante da Polícia Militar de Londrina/PR.

Para garantir a precisão dos dados coletados, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A gravação das respostas é vantajosa, uma vez que, evitam-se perdas de informação e minimiza distorções de interpretação quando transcritas (DUARTE, 2005).

Combinar métodos quantitativos e qualitativos torna a pesquisa “mais forte e reduz os problemas de adoção exclusiva de um

desses grupos” (NEVES, 1996, p. 2). Além disso, o uso paralelo desses dois métodos indica a possibilidade de incorporar questões específicas usadas no questionário com a visão global do fenômeno advindas das entrevistas com os participantes.

Por fim, a análise dos dados usou a estratégia metodológica de triangulação. Essa técnica permite apreciar as informações coletadas por meio do estudo quanti-qualitativo minimizando a subjetividade, conferindo maior validade aos dados e uma inserção aprofundada dos pesquisadores no contexto de onde emergem os fatos, os sentimentos e as opiniões dos participantes (GODOY, 1995).

Discussão e resultados

A segurança nas Universidades depende da segurança pública oferecida pelo Estado. Porém, não se limita à política de combate à criminalidade e não se restringe à atividade policial. Segurança pública é um sistema integrado que envolve instrumentos de prevenção, justiça, defesa dos direitos, saúde e social, constituindo um dos direitos básicos do ser humano, previsto na Constituição Federal (1988):

Título II Dos Direitos e Garantias Fundamentais.
Capítulo II Dos Direitos Sociais. Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a **segurança**, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Constituição Federal, 1988, EMC-066 de 13/07/2010, grifo nosso).

Contudo, a segurança não está restrita aos Órgãos Militares, ao Estado e à Universidade. A comunidade acadêmica deve sensibilizar-se de que segurança compreende responsabilidade própria, para assim, existir uma mudança de atitude que contribua para a diminuição das ocorrências no Câmpus.

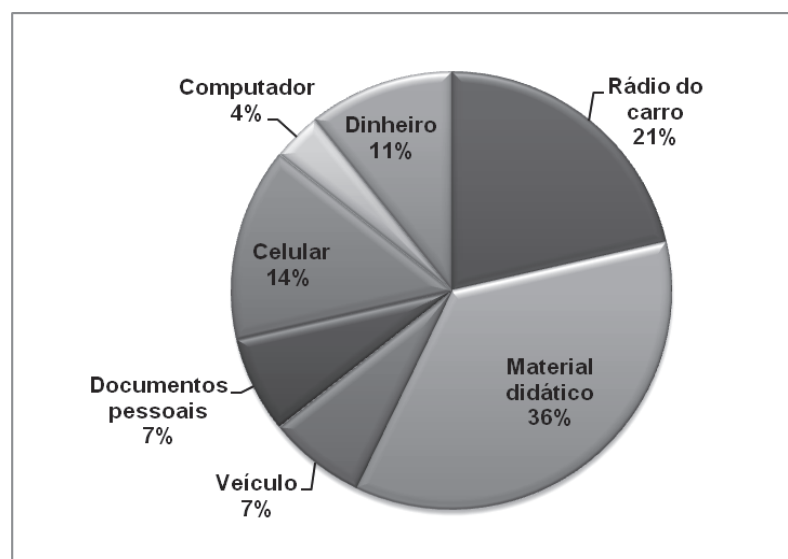
Conforme Bauman (2003, p. 102), “a segurança [...] é uma tarefa que toca a cada indivíduo. [...] deve ser uma questão do bairro, um ‘assunto comunitário’”.

A pesquisa demonstrou que 79% da comunidade adotam medidas próprias de segurança. Essas medidas equivalem, principalmente, atentar-se à presença de pessoas com atitudes estranhas ao meio acadêmico (24%) e não descuidar dos objetos pessoais, como carteiras, bolsas, material didático, celulares, entre outros (22%).

Mesmo com esta última medida adotada pelos alunos, professores e agentes universitários, os números comprovam que 36% das ocorrências de furto nas dependências do Câmpus da UEL

concentram-se em elementos como material didático seguido pelo rádio de carro (21%) e aparelhos celulares (14%). (Gráfico 1).

Gráfico 1: Objetos furtados no Câmpus.



Fonte: As autoras.

Como apontado nos depoimentos da fase qualitativa, os furtos de material didático e celular tem grande chance de ocorrer por descuido das próprias vítimas, que acabam deixando esses objetos em bancos, mesas ou em salas de aula sem a preocupação de observá-los. Evidenciando a necessidade de sensibilização, mudança de comportamento da comunidade acadêmica e maior atenção para a diminuição dessas ocorrências, o Entrevistado E sugere: “[É preciso] mudança de comportamento, conscientizar as pessoas para não comprar produtos roubados, trancar as salas, principalmente conscientizar as pessoas para cuidar melhor dos seus objetos pessoais, criar, não medidas de segurança, mas medidas de conscientização”.

Outro destaque aos dados coletados é o desejo de mais policiamento (22%), mais iluminação no Câmpus (21%) e a intensificação das rondas por funcionários da UEL (14%), este que já é praticado com auxílio de veículos. Essas medidas possibilitariam diminuir as ocorrências e aumentar o sentimento de tranquilidade e segurança na comunidade.

O aumento de policiamento no interior da Universidade é uma questão divergente percebida na pesquisa qualitativa, ainda que, a

maioria (44%) dos entrevistados seja favorável a essa medida. Para o Entrevistado C, a presença da PM no Câmpus é negativa: “Eu sou contra. [...] o problema é a estrutura, eu acho que ela [a PM] não protege. Aqui dentro do Câmpus ela não é necessária. A polícia traz um longo histórico de repressão, até pela sua estrutura”.

Contudo, alguns entrevistados compreendem que a circulação da Polícia no interior da UEL não causa problemas e pode ser benéfica, como argumenta o Entrevistado H, “[...] ao contrário de algumas pessoas do movimento que entende que a PM possa ser nossa inimiga, eu acho que ela tem um papel a cumprir, que é esse papel de zelar pela questão da segurança. Não é o fato da PM estar aqui [no Câmpus] que vai diminuir a nossa liberdade de expressão. Sinceramente eu não sinto isso como ameaça”.

De fato, o papel da Polícia nas Universidades é dar subsídio ao sistema de segurança da própria Universidade, com medidas preventivas e de acompanhamento. E esse aumento de policiamento precisa ser planejado, considerando as opiniões e sugestões da comunidade acadêmica.

Nota-se o recente investimento em segurança por parte da Universidade Estadual de Londrina e os significativos esforços para que a comunidade acadêmica sinta-se protegida. Contudo, essa investigação demonstrou que o medo e a insegurança ainda estão presentes e melhorias poderiam ser adotadas para diminuir as ocorrências e trazer tranquilidade para o ambiente acadêmico.

Por fim, a análise qualitativa possibilitou a convergência de opiniões no fato da insegurança não ser um sentimento exclusivo no Câmpus da UEL, mas é uma produção espacial urbana, de toda sociedade. Segundo os entrevistados, esse sentimento e o reforço do temor coletivo são motivados por discursos sensacionalistas de algumas mídias, além das experiências e aspectos na cidade contemporânea e, pela violência urbana.

Através dos métodos quantitativo e qualitativo e das técnicas de questionário e entrevista em profundidade, foi possível apreciar o sentimento de segurança no Câmpus da Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa contribuiu para o debate sobre o tema ‘segurança na universidade’ compilando informações acerca da opinião de alunos, professores e agentes universitários. A pesquisa de opinião é uma estratégia muito utilizada pela comunicação e pelas relações públicas com o objetivo de conhecer e questionar a realidade de um determinado fenômeno (PIROLO et al., 2004).

Por fim, o presente trabalho coletou informações junto à comunidade acadêmica de modo que tornou possível executar uma Campanha de Opinião Pública com os resultados da pesquisa. Essa última etapa consistiu em uma intervenção – com adesivos, cartazes e apresentação oral – voltada para a sensibilização dos alunos, professores e agentes universitários, apresentando as análises e

reforçando a ideia de que segurança é responsabilidade de todos e começa com atitudes próprias.

Notas

* Pós-Doutora pela Cátedra Unesco/Methodista, professora titular do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mapirolo@uol.com.br

** Acadêmica do 4º ano do Curso de Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marciellymoresco@gmail.com

¹ A pesquisa é originária da disciplina intitulada Pesquisa de Opinião Pública, ministrada no segundo semestre de 2011, aos alunos do 6º período do curso de Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas, da Universidade Estadual de Londrina, pela professora Dra. Maria Amélia Miranda Pirollo. A execução da pesquisa teve a participação das seguintes alunas: Ariani Casttelar Citon, Dayane Vieira do Nascimento, Marcielly Cristina Moresco, Steice de França Souza e Vanessa Leiko Ikeno. A pesquisa foi vencedora da etapa nacional na XIX Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (EXPOCOM), categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, em 2012, sob o título “A Comunidade Universitária e a Segurança Pública: Uma Abordagem na Universidade Estadual de Londrina”, promovida pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

Referências

AUGRAS, Monique. **Opinião pública: teoria e processo**. Petrópolis: Vozes. 1970, cap. I, p. 11-19.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FREITAS, Sidinéia Gomes. Formação e desenvolvimento da opinião pública. **Revista Comunicarte**, Campinas, v. 2, nº 4, p. 177-184, segundo semestre 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas - RAE**, v. 35, nº 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política, v. 1. São Paulo: Abril Cultural, Os Economistas, 1983.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos *campi*. As assessorias de segurança e informações das universidades. **Revista Topoi**, v. 9, nº 16, p. 30-67, jan./jun. 2008.

PIROLO, Maria Amélia Miranda (et al.). Pesquisa de Opinião em Relações Públicas: técnicas ou estratégias? **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**, ano 1, nº 1, São Paulo/SP: jan./jun. 2004.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: Estimativa empírica de dimensionamento. **Revista Brasileira de Pesquisa em Marketing, Opinião e Mídia**, São Paulo, nº 3, semestral, Setembro, 2009.

Recebido em: junho de 2012.
Aprovado em: agosto de 2012.